

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Henrique Ribeiro Menezes

VIOLÊNCIA NA ESCOLA: ESTRATÉGIAS DO COLÉGIO PADRE RAMBO

Novembro de 2011

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Henrique Ribeiro Menezes

VIOLÊNCIA NA ESCOLA: ESTRATÉGIAS DO COLÉGIO PADRE RAMBO

Trabalho apresentado como requisito parcial
para aprovação da disciplina de Trabalho de
Conclusão de Curso II
Profa. Orientadora: Lisiane Torres

Novembro de 2011

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é investigar as ações que o Colégio Estadual Padre Rambo, localizado em Porto Alegre, colocou em prática para coibir os atos de violência no ambiente escolar. A pesquisa é um estudo de caso que busca contextualizar a violência escolar relacionando as práticas violentas vividas dentro das escolas com o atual contexto violento vivido pela sociedade. Deseja identificar se ações diferenciadas que a escola adotou em suas práticas interferem na diminuição dos atos de violência na instituição. Os dados foram coletados através de visitas à escola, entrevistas com: direção e professora de Educação Física. Conclui que as ações que o Colégio Padre Rambo está colocando em prática para diminuir os índices de violência em seu ambiente escolar, estão realmente reduzindo os casos violentos na instituição. Destaca que impor normas e limites aos alunos é de grande valia e a manutenção de um ambiente limpo e organizado dá mais dignidade ao aluno da escola pública.

PALAVRAS-CHAVE

Violência. Escola.

ABSTRACT

The objective of this study is to investigate the actions that the State College Father Rambo, located in Porto Alegre, has put in place to curb violence in the school environment. The research is a case study that seeks to contextualize the related school violence experienced violent practices within schools with the current violent environment experienced by the society. Would you like to identify whether different actions that the school took in their practices interfere with the reduction of violence in institution. Data were collected through school visits, interviews with: direction and Physical Education teacher. It concludes that the actions that the College Father Rambo is putting in place to reduce levels of violence in their school environment, are actually reducing violent cases in the institution. It stresses that impose rules and limits to students is of great value and maintaining a clean and organized gives more dignity to public school students.

KEY WORDS

Violence. School.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	p. 6
2. REVISÃO DE LITERATURA	p. 7
3. METODOLOGIA	p.13
4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES	p.14
4.1 Normas de Convivência	p.15
4.2 Registro das Ocorrências e Encaminhamentos	p.16
4.3 O Projeto Político Pedagógico	p.19
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	p.24
6. REFERÊNCIAS	p.26
APÊNDICES:	
Apêndice 1: roteiro da entrevista semi-estruturada	p.28
Apêndice 2: entrevista com N.	p.29
Apêndice 3: entrevista com G.	p.31
Apêndice 4: entrevista com C.	p.33
Apêndice 5: entrevista com W.	p.35
ANEXOS:	
Anexo 1: Termo de Consentimento Institucional	p.37
Anexo 2: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	p.39
Anexo 3: PPP Colégio Padre Rambo	p. 41

1. INTRODUÇÃO

A violência no âmbito escolar é uma questão que está em evidência atualmente. Diversos autores (Martins (2005), Aquino (1998), Seixas (2005), Chrispino, (2007), Sposito (1998, 2001), entre outros) salientam que este tema configura-se numa preocupação da sociedade atual e, conseqüentemente, é abordado com freqüência na imprensa e em programas televisivos.

Notícias de agressões entre alunos, agressões de alunos a professores e, em alguns casos, de professores a alunos tornaram-se comuns na atualidade. A escola hoje parece um reflexo de nosso contexto social violento e intolerante. Entretanto, algumas instituições escolares conseguem coibir, ou ao menos diminuir os índices dos atos de violência dentro do seu ambiente.

Um exemplo de instituição escolar que no decorrer de sua história conseguiu minimizar os atos de violência no ambiente escolar é a Escola Padre Rambo, situada no município de Porto Alegre-RS. Pertencente à rede estadual de ensino, localizada no Bairro Partennon, recebe alunos residentes em diversas regiões de Porto Alegre. Situações tais como agressões, brigas e xingamentos entre alunos e entre alunos e professores eram comuns. Na atualidade, porém, essa escola é identificada como uma instituição que reduziu a violência escolar.

A realização do presente projeto objetiva descrever as estratégias utilizadas pela citada escola para a diminuição dos atos de violência em seu cotidiano.

Sendo a violência na escola um tema tão atual, destacado como um fator preocupante para todos os segmentos da comunidade escolar (pais, alunos, professores e funcionários), tenho a expectativa de que a realização dessa pesquisa possa oferecer elementos importantes para a reflexão sobre esta temática. Talvez a experiência do Colégio Padre Rambo possa incentivar professores de outras instituições de ensino no estabelecimento de ações que visem a redução desse tipo de violência, assegurando que o ambiente escolar realmente seja propício à aprendizagem.

2. REVISÃO DE LITERATURA

A violência no contexto escolar, fenômeno presente no cotidiano de professores e estudantes, configura-se como um tema que é abordado de forma freqüente nos meios de comunicação da atualidade.

De acordo com Seixas (2005) o conceito de violência escolar têm sido caracterizado, por diversos autores, como multifacetado, abrangendo uma variedade de manifestações, entre elas comportamento anti-sociais, delinquência e vandalismos.

Aquino (1998) afirma que, no meio educacional, duas parecem ser as tônicas que estruturam a abordagem daqueles que se dispõem a problematizar os efeitos da violência verificada no cotidiano escolar contemporâneo: uma de cunho nitidamente sociologizante, e outra de matiz mais clínico-psicologizante. Em ambas a violência portaria uma raiz essencialmente exógena em relação à prática institucional escolar: nas coordenadas políticas, econômicas e culturais ditadas pelos tempos históricos atuais (tônica sociologizante); na estruturação psíquica prévia dos personagens envolvidos em determinado evento conflitivo (tônica clínico - psicologizante).

Lucinda, Nascimento e Candau (1999), estão dentre os autores que consideram a violência escolar como um reflexo do contexto social mais amplo uma vez que afirmam que situações violentas na escola não têm sua origem dentro dela, mas iniciam no convívio social e terminam dentro do ambiente escolar.

Charlot (2002) afirma que a violência na escola não é um fenômeno novo (há registros, no século XIX, em certas escolas de ensino médio francesas, alguns episódios de violência sancionados com prisão) mas é um fenômeno que assume formas novas. Atualmente surgem formas de violência mais graves que em épocas anteriores (homicídios, estupros, agressões com armas). Os jovens envolvidos em atos de violência são cada vez mais jovens: indivíduos de 8 a 13 anos revelam-se violentos até na frente de adultos; professoras que atuam na educação infantil relatam fenômenos novos de violência em crianças de 4 anos. A escola deixou de ser um local protegido e passou a ser palco de acerto de contas de disputas acontecidas para além dos muros escolares.

O referido autor salienta que é necessária a distinção entre a violência **na** escola, a violência **à** escola e a violência **da** escola, ressaltando a responsabilidade da instituição de ensino no que se refere às duas últimas categorias de violência:

“a violência *na* escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando um bando entra na escola para acertar contas das

disputas que são as do bairro, a escola é apenas o lugar de uma violência que teria podido acontecer em qualquer outro local. (...) A violência à escola está ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando os alunos provocam incêndios, batem nos professores ou os insultam, eles se entregam a violências que visam diretamente a instituição e aqueles que a representam. Essa violência contra a escola deve ser analisada junto com a violência da escola: uma violência institucional, simbólica, que os próprios jovens suportam através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam (modos de composição das classes, de atribuição de notas, de orientação, palavras desdenhosas dos adultos, atos considerados pelos alunos como injustos ou racistas).

Esta distinção é necessária: se a escola é largamente (mas não totalmente) impotente face à violência na escola, ela dispõe (ainda) de margens de ação face à violência à escola e da escola” Charlot, 2002 (p.434-435)

O referido autor afirma, ainda, que quando se analisam estabelecimentos de ensino onde foi verificada uma diminuição da violência escolar, encontra-se uma equipe de direção e professores que souberam como reduzir os níveis de tensão. Esses níveis de tensão estão relacionados ao contexto social mais amplo (ao estado da sociedade, às desigualdades sociais, por exemplo) e também ao contexto específico da escola: sua organização, as regras de vida coletiva, as relações interpessoais e às práticas de ensino cotidianas. Essas últimas, segundo o autor, “constituem o coração do reator escolar: é bem raro encontrar alunos violentos entre os que acham sentido e prazer na escola...” (Charlot, Op. Cit., p. 442)

Charlot apresenta, então, uma leitura da violência escolar diferenciada dos autores citados anteriormente pois entende que o ambiente escolar não apenas reflete a violência característica do contexto social como também é gerador de violência.

Sposito (1998) ressalta que estudos acadêmicos sobre a temática da violência escolar ainda são muito restritos e afirma que parte dos atos de violência no ambiente escolar resulta das práticas cotidianas de discriminação, preconceito, da crise da autoridade do mundo adulto ou da fraca capacidade dos profissionais de criar mecanismos justos e democráticos para a gestão da vida escolar. Indica, ainda, que as iniciativas do poder público relacionadas à redução da violência no ambiente escolar oscilam entre duas ênfases: programas e ações de caráter educativo, de um lado, e, de outro, medidas de segurança e equipamentos de proteção aos estabelecimentos de ensino.

Em estudo posterior (SPOSITO, 2001) a referida autora afirma que, no Brasil, no início dos anos 1980, caracterizou-se um quadro de uma ampla demanda de segurança por parte dos moradores das periferias dos centros urbanos e, nesse contexto, o fenômeno da violência nos estabelecimentos escolares torna-se visível e passa a acompanhar a rotina do

sistema de ensino público. Durante a década de 1980 e o início dos anos 1990 o tema da segurança pública passa a predominar no debate público. Nesse período, o problema da violência nas escolas persistiu sob a forma de depredações contra os prédios, invasões e ameaças a alunos e professores. E a ação do crime organizado e do tráfico em algumas cidades brasileiras aumenta a criminalidade e o clima de insegurança e a vida escolar passa a sofrer de forma mais nítida os impactos dessa nova conjuntura. Já os estudos realizados nos anos 1990 apontaram mudanças no padrão da violência observada nas escolas públicas, atingindo não só os atos de vandalismo, que continuaram a ocorrer, mas as práticas de agressões interpessoais, sobretudo entre o público estudantil, sendo as agressões verbais e ameaças as formas mais frequentes.

Sposito (2001) ressalta que na década de 1990 a pesquisa acadêmica procura examinar as relações entre a violência que ocorre nos bairros periféricos e favelas de alguns centros urbanos e a vida escolar. Dentre os trabalhos referidos, o estudo de Guimarães (1995), estudou as ações das galeras funk e do narcotráfico nas escolas públicas do município do Rio de Janeiro:

“ A autora apresenta relato, de cunho etnográfico, que descreve a instituição escolar como refém do crime organizado, mas, ao mesmo tempo, como espaço de disputa entre grupos de jovens pertencentes a galeras rivais. A lógica do tráfico, que busca a ampliação do seu domínio territorial, e a lógica das galeras, que buscam expandir o raio de suas ações a fim de se consolidar enquanto grupo, invadem a unidade escolar, impedindo a sua ação educativa. Esse processo resulta em ampla frustração de expectativas das classes populares que ainda acreditam na educação escolar como instrumento de democratização social.”
(Sposito, Op. Cit, p.95)

A referida autora também citou os estudos de Costa (2000) e Paim Costa (2000), de natureza qualitativa, realizados em escolas localizadas em bairros do município de Porto Alegre caracterizados por alto grau de violência social. Esses estudos indicaram que as rivalidades entre grupos juvenis e as brigas entre os alunos afetam a execução do projeto educativo das escolas.

Também no âmbito das escolas públicas Lopes e Gasparin (2003) realizaram um estudo com o objetivo de avaliar o grau de violência instaurado em duas escolas estaduais na cidade de Maringá-PR. Verificaram que a violência escolar é constituída principalmente pelo desrespeito, pelas ameaças e pelas agressões verbais, o que tem provocado o exacerbamento dos conflitos próprios da relação professor-aluno, dificuldades no processo ensino-aprendizagem e podem, ainda, segundo os autores, propiciar o desenvolvimento de violências maiores.

É importante ressaltar que Sposito (2001) indica a existência de um padrão de sociabilidade entre os alunos marcado por práticas violentas – físicas e não físicas – observados também em escolas particulares destinadas às elites. Portanto, a violência escolar não está restrita às escolas públicas. Concordando com Charlot (Op. Cit) a autora afirma que as incivildades assinalam as insatisfações dos alunos frente à sua experiência escolar ao mesmo tempo que indicam as dificuldades da escola em criar possibilidades para que tais condutas assumam a forma de um conflito capaz de ser gerido no âmbito da convivência democrática.

Embora a violência escolar esteja presente tanto nas escolas da rede de ensino público como nas escolas da rede privada de ensino, o estudo realizado por Codo e Menezes (2001) indica que há diferenças. Com o objetivo de examinar as relações entre a qualidade do ensino e a escola, compreendendo aspectos que dizem respeito à vida dos alunos que frequentam o ensino médio e fundamental no Brasil, na rede pública e privada, esse estudo indica que o registro de violência (grave e não grave) atingindo alunos, professores e funcionários foi bastante diferenciado entre as duas redes e quanto ao nível do ensino: para a 4ª série na rede pública a frequência foi de 14,5%, e na particular, 2,4%; nas oitavas séries os índices são mais altos sobretudo na rede pública, alcançando 24,3%, e nas escolas particulares, 2,6%; na 3ª série do ensino médio as escolas públicas registram 23,1% de ocorrências e as privadas apenas 3,2%. Os registros de depredações, furtos e roubos (grave e sem gravidade) também indicam maior intensidade nas escolas públicas, nas 4as séries compreendem 26,4% das respostas no ensino público, e 7,8% no particular, nas 8as, 37,4% e 7,3% e nas terceiras, 39,7% e 8,7% respectivamente. Os dados mais inovadores da pesquisa incidem, no entanto, sobre a tentativa de relacionar proficiência e violência escolar. Segundo os autores os efeitos de roubo e depredações são mais evidentes e fortes nas escolas públicas, pois quanto maior a agressão sofrida pela escola piores são os seus índices de rendimento, atingindo sobretudo as 4as e 8as séries do ensino fundamental.

Na perspectiva de verificar a associação entre auto-estima e violência escolar Marriel et al (2006) realizaram um estudo com a participação de 1686 alunos das 7ª.s e 8ª.s séries do ensino fundamental e 1º. e 2º. anos do ensino médio de escolas públicas e particulares do município de São Gonçalo-RJ. Os resultados obtidos indicam que alunos com baixa auto-estima relacionam-se de forma pior com colegas e professores, colocam-se mais frequentemente na posição de vítimas de violência na escola e têm mais dificuldade de se sentir bem no espaço escolar que os pares de elevada auto-estima. As referidas autoras afirmam que, diante das situações de violência, a escola geralmente adota medidas repressivas, o que não soluciona o problema substancialmente e a longo prazo. As autoras destacam alguns fa-

tores que podem contribuir para a redução dos atos de violência escolar: o desenvolvimento da formação dos valores paralelamente à formação acadêmica, maior valorização da ação docente e formação continuada dos educadores.

O estudo do IBOPE, realizado com jovens de 14 a 18 anos, solicitado pelo Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino do Rio de Janeiro, ilustrou que estes ainda consideram a escola e a educação instrumentos importantes para suas vidas e o quanto a violência na escola os afasta de seus sonhos ou os amedronta. Os resultados desse estudo apresentaram os seguintes resultados: (1) o jovem identifica na violência o maior problema da sociedade atual, superando, inclusive, o desemprego; (2) a escola ocupa o segundo lugar entre as instituições importantes para o desenho de seu futuro, perdendo apenas para a família; (3) professores e escolas são as duas “instituições” que encabeçam a lista de confiança com altos índices percentuais; (4) os jovens, diferentemente do que diz o senso comum, solicitam os limites próprios à juventude e (5) o jovem julga que a disciplina rígida, juntamente com criatividade e diálogo, fazem parte da boa escola. Cabe à escola desenvolver a mediação de conflitos reorientando as relações sociais promovendo novas formas de resolver diferenças entre as pessoas e/ou grupos, promovendo, assim, a cooperação, solidariedade e confiança. (CHRISPINO, 2007).

Já o estudo realizado por Anser, Joly e Vendramini (2003) pesquisou o conceito de violência e tipos presentes na realidade escolar do educador, segundo a rede de ensino, o nível de escolarização, a formação pedagógica, o nível de ensino em que atuam. Participaram desse estudo 127 professores atuantes no ensino fundamental, médio e universitário, da rede particular e pública do interior paulista. Os resultados revelaram que não há diferenças significativas do conceito de violência entre os sujeitos da escola pública e privada em nenhuma das categorias analisadas ($p > 0,05$). Para os participantes desse estudo, o sentido conotativo da violência está mais relacionado a elementos constitutivos da violência psicológica e física associados às desigualdades sociais, econômicas e culturais. Os tipos de violência relatados foram agressão física, verbal e moral, e o aluno como agente de tais ações.

Em relação às políticas públicas voltadas à redução da violência no contexto escolar, essas têm se originado, de acordo com Gonçalves e Sposito (2002), durante os últimos vinte anos no Brasil, nas esferas estadual e municipal. Esses autores afirmam que a iniciativa de induzir políticas de redução da violência escolar partiu do Ministério da Justiça que criou, em junho de 1999, uma comissão de especialistas encarregada de elaborar diretrizes para enfrentar a violência nas escolas, contando com a parceria de alguns institutos de pesquisa e algumas organizações não governamentais.

“Os primeiros resultados dessa parceria podem ser traduzidos no Programa Paz nas Escolas, desenvolvido a partir de 2000 em 14 estados brasileiros. A sua execução nos estados obedece a uma dinâmica própria, de acordo com as prioridades de cada realidade. Dentre as principais atividades, destacam-se: a) campanhas visando ao desarmamento da população; b) apoio na formação e treinamento, integrando jovens e policiais no ensino de técnicas de mediação de conflitos; e c) ações de capacitação de educadores e policiais em direitos humanos e ética. Em conjunto com o Ministério da Educação e com as Secretarias estaduais de Educação, o Programa Paz nas Escolas capacitou 5.656 professores para a implementação dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs –, com especial ênfase nos temas transversais Ética e Cidadania.” (Gonçalves e Sposito, Op. Cit, p.105)

Os autores acima referidos relatam em seu estudo práticas de redução da violência escolar pelas administrações municipais e estaduais observadas nos municípios de São Paulo, Belo Horizonte e Porto Alegre. Tais práticas promoveram a abertura das escolas nos fins de semana para uso da população em atividades de lazer esporte, maior ênfase nas medidas de segurança como rondas escolares e policiamento nas escolas e novas propostas pedagógicas destinadas ao combate ao fracasso escolar promoção da cultura de paz no ambiente escolar. Porém, essas as ações ainda demandam continuidade e maior capacidade de impacto nas escolas públicas dessas cidades.

Independentemente das políticas públicas, a escola necessita refletir sobre as ocorrências de atos de violência em seu cotidiano e estabelecer estratégias para a sua minimização. Conforme explicitado na introdução desse projeto, o Colégio Padre Rambo era identificado como uma instituição onde frequentemente eram observados atos de violência e, atualmente, há indicativos que houve modificações nesse contexto.

Este ~~projeto~~ estudo, portanto, têm a intenção de realizar um estudo sobre a violência na referida escola, identificando como são mapeados os atos de violência e quais as estratégias elencadas para a minimização dos mesmos.

3. METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada através de um estudo qualitativo e descritivo, orientado através de entrevistas e análise do Projeto Político Pedagógico que visavam relacionar e analisar as estratégias utilizadas pelo Colégio Padre Rambo para a minimização da violência escolar.

O Colégio selecionado pertence à rede estadual de ensino e acolhe estudantes de vários bairros de Porto Alegre. Há alguns anos era identificado como uma instituição onde a ocorrência de violência escolar era bastante alta. Atualmente é indicada como uma escola que apresenta sucesso na redução da expressão desse tipo de violência.

Com o intuito de verificar quais as estratégias desenvolvidas pela escola para a redução dos atos de violência em seu cotidiano, realizei uma entrevista com o Diretor da Escola, com a vice-diretora do turno da manhã, com a vice-diretora do turno da tarde e com a professora de educação física. Os três primeiros professores são responsáveis pelo gerenciamento da escola, portanto devem articular as discussões entre os diferentes segmentos da comunidade escolar e fazer cumprir as decisões elencadas. Já a professora de educação física, por exercer sua ação docente em espaço diferenciado da sala de aula e promover o aprendizado de conteúdos da cultura corporal (jogos, esporte, ginásticas e atividades rítmicas), pode trazer elementos diferenciados à temática do estudo que talvez não estejam presentes na expressão do corpo diretivo da instituição.

Como instrumentos para a pesquisa utilizei uma entrevista semi-estruturada (apêndice 1) que foi realizada com os quatro professores citados anteriormente e uma análise documental do Projeto Político Pedagógico (PPP).

4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

Primeiramente é importante ressaltar que o Colégio Estadual Padre Rambo é uma instituição diferente da Escola Estadual de Ensino Fundamental Padre Balduino Rambo. Esta última já foi cenário de muita violência e a semelhança de nome entre as duas Escolas ainda hoje provoca confusão:

“... aconteceu um ato violento, há uns oito anos, em outra escola de mesmo nome da nossa escola: Padre Balduino Rambo. Toda imprensa foi para cima, e casualmente em função do nome, a nossa escola ficou sendo visada como sendo uma escola violenta (...). Os alunos ficavam chateados quando pegavam o ônibus porque as pessoas diziam que a escola que eles estudavam era o “Carandiru”. Nós ficamos com má fama. Até hoje tem professores que quando dizem que vão trabalhar na escola Padre Rambo são incentivados a não comparecer. Depois da má fama estar instalada é muito difícil de se modificar.” (Diretor N)

Mas no Colégio Estadual Padre Rambo a violência também se fazia presente no seu cotidiano e, de acordo com os entrevistados, atualmente a situação é bastante diferente:

“A escola, no início, era apresentada como uma escola com muita violência. Não vou dizer violência armada, violência de gangues, mas os alunos tinham o hábito de muitas rixas de grupos, eles pareciam mais donos do ambiente. De repente, a escola passou a adotar uma nova postura e eles começaram a se acalmar.” (diretor N)

“Hoje, nós não temos nada, temos rixas normais com alunos novos, até se adaptarem ao ambiente, alguns vem com hábitos de outras escolas, até eles se enquadrarem à nova forma de comportamento, acontecem algumas ocorrências.” (diretor N)

“A escola não tem registros graves de violência, mas eu percebia que havia mais episódios violentos, e hoje com nossa direção, mais presente, não há.” (vice-diretora C)

“Tem uma diferença, pois quando eu cheguei na escola não tinha professor de Educação Física. O pátio era um território livre para os alunos. Até os alunos entenderem que o pátio era meu espaço de aula e que eles tinham que ter um comportamento adequado, foi difícil. Hoje está claro que eles devem respeitar meu espaço de aula: o pátio.” (professora de Educação Física)

Quais foram os fatores que provocaram a diminuição da violência no Colégio

Padre Rambo?

Talvez um dos fatores seja a experiência profissional com a educação de adolescentes e o conhecimento da comunidade que frequenta o colégio. Dentre os entrevistados, a professora que possui menos tempo de trabalho nesse colégio é uma vice-diretora, que atua há 6 anos na Instituição. Os demais trabalham há oito, doze ou dezesseis anos no Colégio; portanto são professores que já interagem com a comunidade há um tempo considerável.

4.1 Normas de Convivência

Conforme já apresentado anteriormente, Charlot (2002) defende a importância do trabalho da equipe diretiva e professores na organização do ambiente escolar com vistas à redução da violência. Nesse contexto, a existência de normas de convivência é fundamental. Tais normas, para que possam efetivamente minimizar atos de violência, devem ser amplamente divulgadas e conhecidas por todos, além de serem construídas coletivamente. (Ortega, 2003).

No Colégio Padre Rambo, existem normas de convivência, elaboradas com o intuito de regular as atitudes dos estudantes no interior da instituição. Sua elaboração, porém, não foi realizada de modo coletivo: a equipe diretiva, tomando por base a experiência de seus membros, as elaborou. Segundo o diretor, para o bom funcionamento da instituição todos deveriam preservar o ambiente, o patrimônio da escola, respeitar horários, respeitar colegas e professores.

“Eles [os alunos] devem seguir as regras da escola, sendo que no primeiro dia de aula nós já colocamos as regras de funcionamento da escola, as coisas que são proibidas dentro da escola, como: fumar, entre outras; regras de convivência.” (vice-diretora G)

“Eu mesmo recebo os alunos novos, falo para eles como a escola funciona. Nós temos uma relação de normas comportamentais, uma série de regras que nós chamamos de Normas de Convivência. Eles devem obedecer. (...) Até eles reclamam que há muitas regras, muita exigência, eles ficam chateados logo que chegam, dizendo que somos muito autoritários. Horário regado para entrar na aula, no colégio, não pode sair da escola no horário escolar, por questão de segurança, atravessar a rua. Eu sempre digo a eles que se saírem e ocorrer algo a responsabilidade é da escola. Os pais largam os alunos na escola, e na lei, nós somos os responsáveis por eles. Qualquer ocorrência a escola vai responder.” (diretor N)

De acordo com a professora de educação física, os professores também reforçam aos alunos as Normas de Convivência adotadas pelo Colégio:

“Sinalizo ao aluno como são as normas, como deve se comportar na aula de Efi.” (professora de EFI)

Tão importante quanto à existência das Normas de Convivência são as ações que a equipe diretiva realiza junto aos estudantes que, em dado momento, não as cumprem.

“Tu podes estabelecer regras, mas se a direção não cumpre as regras e sanções não adianta ter regras. Temos uma norma que faz menção ao respeito, mas se não corrigirmos o mau comportamento, o desrespeito, não adianta ter essa regra. Buscamos o bom comportamento, não pode ser hostil, não pode pichar, os novos [alunos] que chegam se inserem nessas normas. Episódios são rapidamente repreendidos. (...). É importante uma ação imediata, mostrar que tem uma autoridade, (...) não para punir, mas para observar o cumprimento das regras.” (vice-diretora C)

“É importante nessa faixa etária que todas as normas sejam bem claras e que se os limites estão sendo impostos é importante que eles realmente sejam levados em consideração.” (professora de EFI)

4.2 Registro das Ocorrências e Encaminhamentos

Os registros das ocorrências são relatos das faltas, dos deslizes, de maus hábitos, enfim, de alguma transgressão às regras do Colégio. São estratégias de controle e normalização social que auxiliam no processo de um maior controle disciplinar do corpo discente.

De acordo com Ribeiro (2001, p. 100),

“esses livros de ocorrências disciplinares se constituíram como mais uma tecnologia de registro desenvolvida a partir da década de 1970. Há um movimento crescente de individualização dos registros (a normalização social), produzindo um território maior de saber sobre o aluno, uma maior produção de verdade e controle; uma fixação ‘ritual e científica’ das diferenças individuais.”

De acordo com os entrevistados, o registro das ocorrências é sempre realizado. Quando os conflitos acontecem durante as aulas, o professor, se desejar ou entender que é necessária a intervenção da direção, recebe o apoio.

“Os professores têm a liberdade de resolver os problemas em sala de aula, mas se não for possível eles podem trazer à direção. Os professores não devem deixar passar nada.” (vice-diretora C)

“Se acontecer algo violento, ou que eu entenda como violento, eu vou à vice-direção e faço um registro.” (professora de EFI)

“Primeiro procedimento: chamar os alunos envolvidos, faz-se o registro (...). É feito sempre um registro, em qualquer situação, comportamento em sala de aula, palavrão. Discussão em sala de aula, no pátio já vem aos meus ouvidos. Eu registro no meu caderno que houve uma conversa com o aluno e ele assina. Se for mais grave há um livro de ocorrências. Sempre é registrado” (vice-diretora G)

“Normalmente quando existe algum conflito, chama-se os envolvidos e se faz o registro (...). Há o registro. Nós chamamos de livro de ocorrências, que fica com a vice-direção e a orientadora educacional.” (diretor N)

Após o registro da ocorrência, os pais podem ser contatados:

“Conforme o caso, chamam-se os pais, os responsáveis pelo aluno” (diretor N)

“(…) como segundo procedimento: chamam-se os pais ou responsáveis pelos alunos para conversar sobre o que aconteceu.” (vice-diretora G)

“Temos que ter registrado possíveis reincidências. Os pais sempre são contatados. (vice-diretora C)

Porém, nem sempre os pais comparecem, deixando a escola com toda a responsabilidade:

“Caso ocorra um fato que pode tomar uma proporção maior nós já conversamos e a vice-direção já chama os pais, quando eles vêm, é claro. A vice-direção da manhã chega a enviar uma carta quando os pais não atendem ao chamado via telefone.” (professora de EFI)

“Quase noventa por cento dos casos que eu tive que resolver tiveram sucesso, porque nós trazemos os alunos para conversar, chamamos os pais, mas muitos não vêm. Ficamos somente nós e os alunos tentando resolver as dificuldades.” (vice-diretora C)

A educação moral, inicialmente, se faz no seio da família. Conforme Tedesco (1998), o processo de socialização é dividido em duas fases: a socialização primária, definida como aquela que o indivíduo atravessa na infância e mediante a qual se transforma em membro da sociedade; e a socialização secundária, que compreende todo o processo posterior. Os pais ou cuidadores são os responsáveis pela inculcação das primeiras noções de moral. Sendo a escola a fomentadora da educação intelectual e a família fomentadora da educação moral, vemos uma relação direta entre as duas instituições, pois ambas atuam na educação. Dessa forma, sabemos da importância da relação estreita da escola com os pais ou responsáveis dos alunos. Após todas essas constatações, é notório que os pais devem estar presentes na educação dos filhos, agir quando há má conduta dentro ou nos arredores da escola.

O Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI (1996:95) reforça que:

“a família constitui o primeiro lugar de toda e qualquer educação e assegura, por isso, a ligação entre o afetivo e o cognitivo, assim como a transmissão dos valores e normas”.

E quando os episódios apresentam um elevado grau de violência uma terceira alternativa é colocada em prática. Quando não se consegue uma boa resposta dos alunos frente às regras e normas, é solicitada a presença da segurança pública.

“(…) e se for um ato mais violento: encaminhamento para delegacia de menores. Eles estão sabendo disso. Já sabem que não aceitamos qualquer tipo de violência, qualquer ato mais agressivo entre eles. Nós não somos policiais, então chamamos os responsáveis por isso: a força pública, a guarda escolar e encaminha-se para delegacia de menores.” (diretor N)

“(…) estamos contando novamente com a patrulha escolar, se eu sentir necessidade eu peço ajuda. Esse ano eu já pedi duas vezes. Suspeitei de uma ação estranha no pátio e eu chamei a patrulha. Certa vez, senti que alguns alunos iriam brigar e eu chamei a brigada para acalmar. A brigada presente mostra que a direção não está sozinha. A presença da brigada assusta um pouco os alunos, mas é bem recebida. Os alunos

estão cientes que se ocorrer algo a direção vai chamar a brigada militar.” (vice-diretora C)

4.3 O Projeto Político Pedagógico

O norteador do trabalho de uma escola é seu projeto político pedagógico (PPP). No Colégio Padre Rambo existe um diferencial: oferece em seu regime de Ensino Médio, matrícula por disciplina e semestral, recebendo os alunos de diferentes bairros. Busca uma escola pública democrática e de qualidade.

De acordo com os entrevistados, esta organização curricular auxiliou na diminuição dos índices de violência:

“Nossa proposta pedagógica ajudou na diminuição da violência. Não digo que ela foi feita com essa intenção, mas a forma de trabalho ajudou.” (diretor N)

“A proposta pedagógica é a espinha dorsal da escola. Hoje ela é muito importante em nossa escola, ela é muito importante, tem reflexo na busca de harmonia na escola, da não-violência.” (professora de EFI)

O PPP da escola está, segundo os entrevistados, direcionado não apenas para o ensino dos conteúdos, mas também está vinculado ao desenvolvimento do ser humano, isto é, procura promover a educação moral e a cidadania.

“No nosso plano pedagógico (...) consta a não discriminação de pessoas, alunos, a socialização. (...). Nós não estamos aqui para preparar aluno para vestibular, para concurso, a intenção é criar para a vida, para que saiam do portão e saibam como agir.” (diretor N)

“... o projeto da escola tem como objetivo formar o cidadão. Na escola que eles devem ter consciência de cidadania, pois estando lá na rua tudo fica mais difícil.” (vice-diretora G)

“Na minha disciplina eu digo que todos devem ter respeito pelo professor, pelo colega, por todos. A primeira relação, a relação fundamental deve ser o respeito. Devemos agir com os outros como gostaríamos que agissem conosco. (...) Nós podemos trabalhar com mais atenção os conteúdos que estabeleçam normas e valores aos alunos,

*utilizando-nos dos instrumentos como bolas, colchonetes e jogos”
(professora de EFI)*

Taille (1998) ressalta a importância da ação do professor no processo de educação moral dos estudantes. De acordo com esse autor, em virtude do fenômeno da indisciplina ser cada vez mais frequente tornando-se ponto chave nos debates de problemas educacionais, é preciso que os educadores saibam interferir para modificar esse quadro. Não se trata de castigar ou tentar imprimir o sentimento de vergonha no indisciplinado, mas, ao contrário, afirmá-lo em seu sentimento de dignidade como ser moral, que aspira por valores como a justiça, a solidariedade, a cooperação entre outros.

No desenvolvimento de seu PPP, a escola Padre Rambo primou por um trabalho crítico-social enfatizando que:

“A Escola Pública de ensino médio deve romper com a tradicional ausência de identidade: nem propedêutico ao ensino superior (voltado para os alunos das camadas socioeconômicas privilegiadas) nem tampouco profissionalizante (destinado aos filhos de trabalhadores).” (PPP da Escola Padre Rambo)

Com um diferencial em seu PPP, o Colégio Padre Rambo desenvolve ações como encontros, palestras que visam uma conscientização dos alunos em relação a temas como discriminação racial, sexual. Desenvolve, também, projetos onde os estudantes participam de atividades para além das aulas, como o projeto de música e campeonatos esportivos. Esses projetos favorecem o estabelecimento de vínculos entre os alunos e destes com a escola, o que pode influenciar na diminuição da violência escolar.

“Alguns projetos que a escola faz ajudam bastante nessa questão da diminuição da violência escolar. Posso citar o projeto de música que se faz toda quinta-feira à tarde. Eles gostam muito e não querem finalizar os encontros. Nós trabalhamos com música, com apresentações em outras escolas. Eles formam um vínculo muito grande entre eles, uma amizade (...). Várias turmas já demonstraram mudança de comportamento após o contato com a música. ” (vice-diretora G)

“Não existe uma análise da violência, mas ações pedagógicas que o efeito é a diminuição dela, através de atividades culturais-esportivas. Campeonatos de futsal geram muita violência e são muito monitorados, são atividades bem pensadas se vão ou não acontecer. Esses trabalhos pedagógicos possibilitam ao aluno focarem novamente na escola a sua

atenção.” (professora de EFI)

Outro diferencial da organização do Colégio Padre Rambo é a sala ambiente que dificulta o estabelecimento da sensação de propriedade do espaço por parte dos estudantes. Segundo o diretor N, os alunos, permanecendo em uma sala somente, criam a sensação que aquele ambiente pertence a eles e qualquer pessoa que invadir seu espaço é um intruso. Nessa situação, o professor é o intruso, quer ditar regras no espaço alheio.

“(...) a sala deixou de ser um ambiente só deles. Antes o professor saía e eles ficavam dentro da sala sozinhos. Agora eles saem, trocam de sala, não tem uma sala única.” (diretor N)

Essa estratégia auxilia na diminuição da violência, não somente na questão de domínio de território. Ajuda também no controle de conflitos entre os alunos, pois quando havia troca de períodos eles permaneciam sozinhos na sala aguardando o professor chegar. Agora, com a sala ambiente, eles devem sair da sala e o professor fica. Diríamos, então, que os conflitos migrariam das salas para os corredores! Não. Pois segundo os entrevistados, nos corredores e saguão há controle da direção através das câmeras e a todo o momento a monitora e a vice-diretora estão circulando pela escola.

“Eu estou sempre circulando nos corredores, sempre olhando nas salas, mostra que eles não estão soltos, que tem alguém olhando.” (vice-diretora C)

“Pensamos da seguinte forma: como controlar os alunos? Instalaram-se câmeras em vários ambientes de uso dos alunos (corredores, biblioteca, informática, auditório). Os alunos sentem-se mais controlados.” (diretor N)

“Primeiro nós temos o cuidado de observar os alunos pelas câmeras. Eles sabem da existência, mas não é para ter medo, é para observar os acontecimentos e a mínima situação de risco nós já chamamos para conversar.” (vice-diretora G)

A instalação das câmeras também tem efeito sobre a manutenção do patrimônio da escola.

Segundo Lucinda, Nascimento e Candau (1999), a depredação escolar também é uma questão de interesse de estudiosos da violência escolar. Atos de vandalismo relacionam-se à falta de difusão do conceito de “bem público”, tornando-se necessária a divulgação dos custos e prejuízos causados por essa conduta. Esses atos de violência na

escola refletem a situação encontrada nos bairros. Podem ser estar relacionados à baixa qualidade de vida em termos de infra-estrutura, no que se refere à vida coletiva. Em espaços onde, ao lado da infra-estrutura deficiente, o meio ambiente é feio, duro, as pessoas “não tem oportunidade para o desenvolvimento de regras de competição, de cooperação e de pertencimento ao grupo”.

O abandono e a precariedade de grande parte das escolas pode estar relacionado com a depredação escolar. Pode existir uma possível relação de depredação como forma de contestação. O vandalismo é uma forma de se obter um reconhecimento através deste ato violento, que anuncia a voz daqueles indivíduos destituídos, que as elites consideram de segunda classe. As depredações, as brigas entre alunos, a formação de gangues podem representar uma forma de persistência social que se nega a submeter-se, como uma resistência diante das imposições de regras.

Uma das ações para manutenção dos baixos índices de violência na escola, consiste em manter um **ambiente adequado**, propício aos estudos.

“Outra ação que ajudou a melhorar as relações é o ambiente da escola. Melhorou sobremaneira a estrutura física da escola. Nós queremos uma escola organizada, limpa. Tentamos não deixar acontecer depredação da escola, a pichação; nós não temos pichação em nossa escola. Logo que construímos os banheiros há oito anos os alunos diziam que era banheiro de “shopping”; banheiro limpo, ambiente agradável. Quando os alunos chegam à escola percebem o bom ambiente, e eles passam a ter uma nova visão. Essa nova visão é fortificada pela escola.” (diretor N)

“Arrumamos a quadra, enfim, a escola está boa. Se a escola está assim, conseqüentemente os alunos estão assim. Não somos nós que mantemos a escola organizada, são os alunos. O novo aluno que chega já recebe a pressão dos antigos para manter limpo e organizado(...). Essas ações ajudam a manter um bom comportamento, acarretando em menos conflitos.” (diretor N)

“(...) se trabalha o cuidado que se deve ter com o patrimônio da escola Existem alguns trabalhos (projetos) que nós fazemos, juntamente com o TC, para deixar o ambiente agradável, limpo, não riscar, não sujar. O professor também tem que ter um cuidado com a sala ambiente e passar esses cuidados para os alunos. Isso acarreta na manutenção do bom ambiente físico escolar.” (vice-diretora G)

“O diretor não gosta que coloque os pés nas paredes, riscar. No início do ano nós entramos nas salas dos alunos novos para avisar as normas. Os professores sempre reforçam.” (vice-diretora C)

“É um trabalho de conscientização. Está bonito, então vamos preservar. Tudo limpo, organizado, que bom estar em um local íntegro. Nós somos os responsáveis por manter tudo assim. Valorizar o que se tem, trazer tudo para um olhar positivo.” (professora de EFI)

O projeto político pedagógico da escola, conforme relataram os entrevistados está em processo de reformulação. Está defasado, pois ainda remonta os tempos que a escola possuía o ensino fundamental. Muitas das ações colocadas em prática não constam no PPP.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da pesquisa pude perceber que o Colégio Padre Rambo, como qualquer outra escola que trabalha com adolescentes, apresentava episódios de violência em seu cotidiano. Como aglutina estudantes oriundos de variados bairros da cidade, que se originam de diferentes contextos, a escola possuía um ingrediente a mais para potencializar esses episódios. Em um passado não muito remoto, essa situação de violência escolar, era um fato concreto na escola. Insatisfeitos com essa situação, o corpo diretivo da escola, composto pelo atual diretor e vice-diretora do turno da manhã, buscaram desenvolver estratégias para reduzir os casos de violência na instituição. Hoje, a escola apresenta-se calma e tranquila.

O registro das ocorrências que por ventura ocorrem parece ser algo de grande valia para a direção da escola, pois permite um controle estatístico das intercorrências. Permite o acesso ao histórico de atitudes dos alunos e dá uma segurança legal à instituição, conforme relato dos entrevistados.

Na questão do envolvimento da família na educação dos filhos, a estratégia da escola mostra-se correta, porém alguns familiares ou responsáveis pelos alunos não estão mostrando-se dispostos a cooperar, a apresentar maior envolvimento com a questão. De nada adianta a escola trabalhar com uma proposta educacional de envolvimento da família, se não há reciprocidade. Os pais devem participar mais da vida escolar de seus filhos, colaborando para o aprendizado e crescimento, intelectual e moral dos alunos. Cabe às escolas criarem espaços e sistemas visando uma maior inclusão dos pais no processo educativo. E como foi dito anteriormente, família e escola, trabalhando juntas, podem garantir excelentes resultados na educação.

A introdução das normas de convivência deu um norteador para que os alunos, professores e funcionários da escola possam conviver em comunidade. Isto é, ficam mais claras as regras e normas que devem ser seguidas, o que pode e não se pode fazer, seu direito e seu dever. Segundo os entrevistados, os alunos que ingressam na escola não compreendem inicialmente o significado dessa ação. Mas com o decorrer do tempo, passam a reconhecer o valor de seguir as regras.

As normas de convivência, além de instituir um padrão de comportamento aceitável para uma boa convivência, também permitiram aos alunos desenvolverem seus estudos em um ambiente agradável e favorável uma vez que nestas constam sanções que serão impostas quando ocorrer algum ato de vandalismo. As normas não foram pensadas como castigo, mas como uma forma de se respeitar o outro; respeitar colegas, professores,

funcionários e patrimônio da escola, que por ser pública, é de todos.

A manutenção desse patrimônio público vai além do ambiente escolar. A inculcação desse pensamento de preservação acaba por irradiar-se para a família, comunidade e toda a sociedade. Pois, cada aluno que compreende a importância de se preservar e respeitar o que é seu, do outro ou de todos compreende o que é cidadania. Compreende seu espaço e o espaço do outro na sociedade.

A estratégia das salas ambiente permitiu ao corpo diretivo dar aos alunos melhores condições de aprendizado; visto que, a sala permanecendo fechada e sob os cuidados do professor, mantém-se limpa e organizada. Permite ao professor manter ferramentas úteis aos alunos, como: mapas, experimentos, livros, bem cuidados e protegidos de ações violentas contra o patrimônio.

O fato dos alunos não permanecerem sozinhos em um ambiente também dá uma maior tranquilidade à direção. Muitos funcionários de escolas, inclusive universidades, relatam que muitas coisas acontecem quando se mantém um livre acesso dos alunos a ambientes não vigiados, como: depredações, pichações e até mesmo relações íntimas.

Após a realização dessa pesquisa, posso concluir que as ações que o Colégio Padre Rambo está colocando em prática para diminuir os índices de violência em seu ambiente escolar, estão realmente reduzindo os casos violentos na instituição. Ficou evidente que impor regras, normas, e principalmente limites aos alunos é importante. Valorizar uma noção de cidadania e reflexão crítica nos jovens também influi no desenvolvimento de um maior respeito entre todos os integrantes da comunidade escolar. E para finalizar, a manutenção de um ambiente agradável e íntegro das dependências da escola, traz a possibilidade de melhores condições para o aprendizado dos alunos. Um ambiente limpo e organizado dá mais dignidade ao aluno da escola pública e segundo o diretor N: não é porque somos pobres que temos que viver na sujeira, não é porque é escola pública e tem que ser tudo quebrado, destruído.

“(...) é possível fazer na empresa pública um bom trabalho. Implementamos uma equipe, não é o diretor N que faz, somos todos como uma equipe organizada. (...). Colocamos lá no início um objetivo: qualificar a escola.” (diretor N)

6. REFERENCIAS

ANSER, Maria Aparecida Carmona Ianhes, JOLY, Maria Cristina Rodrigues Azevedo, VENDRAMINI, Claudette Maria Medeiros. Avaliação do conceito de violência no ambiente escolar: visão do professor. **Psicologia: Teoria e Prática**, ano 5, vol.2, p.67-81, 2003

AQUINO, Júlio Groppa. A violência escolar e a crise da autoridade docente. **Cadernos Cedes**, ano XIX, nº 47, dezembro, 1998

CHARLOT, Bernard. A violência na escola :como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Sociologias**, ano 4, no. 8, jul/dez, p.432-443, 2002

CHRISPINO, Álvaro. Gestão do conflito escolar: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, v.15, n.54, p. 11-28, jan./mar. 2007

DUBET, François. **O Que é Uma Escola Justa? A Escola das Oportunidades**. Cortez Editora, 2008

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira e SPOSITO, Marília Pontes. Iniciativas Públicas de Redução da Violência Escolar no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, n. 115, p. 101-138, março/ 2002

LOPES, Claudivan Sanches e GASPARIN, João Luiz. Violência e conflitos na escola: desafios à prática docente. **Acta Scientiarum Human and Social Sciences** , v. 25, no. 2, p. 295-304, 2003

LUCINDA, Maria; NASCIMENTO, Maria e CANDAU, Vera. **Escola e Violência**. Editora DP&A, 1999

MARRIEL, Lucimar Câmara et al. Violência escolar e auto-estima de adolescentes. **Cadernos de Pesquisa**, v. 36, n. 127, jan., p. 35-50, jan./abr. 2006

MARTINS, Maria José D. O problema da violência escolar:uma clarificação e diferenciação de vários conceitos relacionados. **Revista Portuguesa de Educação**, ano/vol 18, no. 001, p.93-115, 2005

SEIXAS, Sónia Raquel. Violência Escolar: metodologias de identificação de alunos

agressores e/ou vítimas. **Análise Psicológica**, ano XXIII, no. 2, p. 97-110, 2005

SPOSITO, Marilia Pontes. Percepções sobre jovens nas políticas públicas de redução da violência em meio escolar. **Pro-Posições**- vol. 13, no. 3 , set./dez. p. 71-83, 2002

SPOSITO, Marilia Pontes. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.27, n.1, p. 87-103, jan./jun., 2001

APÊNDICES

Apêndice 1

ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

- 1) Há quanto tempo você atua na Escola?
- 2) Você percebe diferenças na ocorrência de atos de violência no início da sua atuação na escola em relação aos dias atuais? Fale sobre isso.
- 3) É realizado algum registro na escola em relação aos atos de violência observados? Em caso de resposta afirmativa: Como acontece esse registro? Esses dados são analisados? Por quem? Qual o encaminhamento?
- 4) O tema “violência escolar” foi abordado com os diferentes segmentos da comunidade escolar (alunos, pais, professores, funcionário) em algum momento desde que você iniciou suas atividades nessa escola? Fale sobre isso.
- 5) Que ações são realizadas no caso de ocorrência de violência na escola? Como essas ações foram definidas?
- 6) Que estratégias a escola realiza para manter a disciplina entre os alunos?
- 7) Quais as estratégias utilizadas em relação à preservação dos ambientes da escola?
- 8) Você acha que existe alguma relação entre a proposta pedagógica da escola e a ocorrência de atos de violência? Fale sobre isso.
- 9) Você gostaria de comentar algum fato que não tenha sido abordado nessa entrevista?

Apêndice 2

ENTREVISTA COM N.

Há quanto tempo você atua na Escola?

Doze anos.

Você percebe diferenças na ocorrência de atos de violência no início da sua atuação na escola em relação aos dias atuais? Fale sobre isso.

Percebo sim, houve uma grande mudança. A escola, no início, era apresentada como uma escola com muita violência. Não vou dizer violência armada, violência de gangues, mas os alunos tinham o hábito de muitas rixas de grupos, eles pareciam mais donos do ambiente. De repente, a escola passou a adotar uma nova postura e eles começaram a se acalmar. Hoje, nós não temos nada, temos rixas normais com alunos novos, até se adaptarem ao ambiente, alguns vem com hábitos de outras escolas, até eles se enquadrarem à nova forma de comportamento, acontecem algumas ocorrências. A vice-diretora chama, vai para orientação, isso é do dia-a-dia, acontece em qualquer escola. Não digo que seja violência, são maus hábitos. A diferença é essa, mudou com o tempo.

É realizado algum registro na escola em relação aos atos de violência observados? Em caso de resposta afirmativa: Como acontece esse registro? Esses dados são analisados? Por quem? Qual o encaminhamento?

Há o registro. Nós chamamos de livro de ocorrências, que fica com a vice-direção e a orientadora educacional. Normalmente quando existe algum conflito, chama-se os envolvidos e se faz o registro. Conforme o caso, chamam-se os pais, os responsáveis pelo aluno, e se for um ato mais violento: encaminhamento para delegacia de menores. Eles estão sabendo disso. Já sabem que não aceitamos qualquer tipo de violência, qualquer ato mais agressivo entre eles. Nós não somos policiais, então chamamos os responsáveis por isso: a força pública, a guarda escolar e encaminha-se para delegacia de menores.

O tema “violência escolar” foi abordado com os diferentes segmentos da comunidade escolar (alunos, pais, professores, funcionário) em algum momento desde que você iniciou suas atividades nessa escola? Fale sobre isso.

Sim várias vezes. Mas não diretamente sobre o tema. Em cima de algumas ocorrências, normalmente quando se tem reunião, alguma palestra, os programas, as atividades da escola, como: semana da consciência negra, por vários anos. Nós trazemos palestrantes. Devido ao fato de ainda haver discriminação racial, sexual. Nesses encontros, palestras se tratavam do assunto. Não lembro de ter vindo alguém para falar sobre violência na escola especificamente. Nesse tempo ocorreram diversas palestras, encontros destinados a parte disciplinar, pedagógica. Sobre violência não me recordo. Sobre relações interpessoais. Não há um programa para se tratar da violência. Porque teríamos que ter muita violência para se ter a necessidade de haver um programa específico. Há somente fatos isolados.

Que ações são realizadas no caso de ocorrência de violência na escola? Como essas ações foram definidas?

Faz-se o registro, chamam-se os envolvidos, conforme o caso chamam-se os pais ou responsáveis para saber o que está acontecendo para mostrar que nossa escola não aceita esse tipo de atitude e que os pais devem tomar uma atitude. E se for algo muito violento nós chamamos a brigada militar, guarda municipal, patrulha escolar e encaminhamos para o DECA, órgão responsável, quando o aluno é menor de dezoito anos. É uma questão cultural da escola, não houve uma reunião para decidir como procederíamos em caso de violência. As ações foram definidas a partir de casos de violência ocorridos na escola. Essas ações são rotinas da escola. O livro de ocorrências é algo muito antigo, se registrava e ficava ali. Hoje, não. Faz-se a ocorrência e se vai além. Ocorrendo um ato: os pais são comunicados. Essa ação e criou com as experiências do corpo diretivo e não um programa da escola.

Que estratégias a escola realiza para manter a disciplina entre os alunos?

Pensamos da seguinte forma: como controlar os alunos? Instalaram-se câmeras em vários ambientes de uso dos alunos (corredores, biblioteca, informática, auditório). Os alunos sentem-se mais controlados. Outra ação que ajudou a melhorar as relações é o ambiente da escola. Melhorou sobremaneira a estrutura física da escola. Nós queremos uma escola organizada, limpa. Tentamos não deixar acontecer depredação da escola, a pichação; nós não temos pichação em nossa escola. Logo que construímos os banheiros há oito anos os alunos diziam que era banheiro de “shopping”; banheiro limpo, ambiente agradável. Quando os alunos chegam à escola percebem o bom ambiente, e eles passam a ter uma nova visão. Essa nova visão é fortificada pela escola. Eu mesmo recebo os alunos novos, falo para eles como a escola funciona. Nós temos uma relação de normas comportamentais, uma série de regras que nós chamamos de Normas de Convivência. Eles devem obedecer. Não pode haver aglomeração nos corredores. Assim foi se criando um ambiente. Eles sabem que se não houver aula eles devem estar no saguão ou no pátio e não perturbando as outras aulas. Outra coisa foi a Sala Am-

biente: a sala deixou de ser um ambiente só deles. Antes o professor saía e eles ficavam dentro da sala sozinho. Agora eles saem, trocam de sala, não tem uma sala única. O professor sai e tranca a sala. Tudo fica bem organizado. Esse conjunto de ações faz a mudança de comportamento. Chegando a um lugar que está limpo as pessoas ficam constrangidas em sujar, mas se já estiver sujo não haverá problema, para muitos, em sujar um pouco mais. Essas ações ajudam a manter um bom comportamento, acarretando em menos conflitos. Arrumamos a quadra, enfim, a escola está boa. Se a escola está assim, conseqüentemente os alunos estão assim. Não somos nós que mantemos a escola organizada, são os alunos. O novo aluno que chega já recebe a pressão dos antigos para manter limpo e organizado. Isso faz a escola ficar tranqüila. Eu vejo os professores comentando que nossos alunos são todos ótimos. E são mesmo.

Quais as estratégias utilizadas em relação à preservação dos ambientes da escola?

A questão das câmeras, a questão de não permitir o acesso de lanches nas salas de aula, não... Até eles reclamam que há muitas regras, muita exigência, eles ficam chateados logo que chegam, dizendo que somos muito autoritários. Horário regrado para entrar na aula, no colégio, não pode sair da escola no horário escolar, por questão de segurança, atravessar a rua. Eu sempre digo a eles que se saírem e ocorrer algo a responsabilidade é da escola. Os pais largam os alunos na escola, e na lei, nós somos os responsáveis por eles. Qualquer ocorrência a escola vai responder. É tudo isso aí. Não existe uma estratégia definida anteriormente aos fatos. Eu acho que um pouco é da minha experiência de administrador de empresa privada, que é possível fazer na empresa pública um bom trabalho. Implementamos uma equipe, não é o Neilton que faz, somos todos como uma equipe organizada. Um mesmo corpo diretivo a vários anos. Colocamos lá no início um objetivo: qualificar a escola. Nosso plano pedagógico inicia dizendo isso. Nele consta a não discriminação de pessoas, alunos, a socialização. Nosso regimento fala sobre isso. A prática, a vida foi nos mostrando a melhor ação para essa questão.

Você acha que existe alguma relação entre a proposta pedagógica da escola e a ocorrência de atos de violência? Fale sobre isso.

Nossa proposta pedagógica ajudou na diminuição da violência. Não digo que ela foi feita com essa intenção, mas a forma de trabalho ajudou. As Normas de Convivência, melhorar o ambiente da escola. Dizer aos alunos que a escola pública pode ser boa e deve ser boa. Que é possível fazer um bom trabalho. Nós não estamos aqui para preparar aluno para vestibular, para concurso, a intenção é criar para a vida, para que saiam do portão e saibam como agir. Não é somente da escola o problema da violência, claro que não. Vem estourar na escola. Inicia onde eles moram, na falta de trabalho, de políticas públicas que tirem os jovens de ambientes hostis. A principal causa de violência é a falta de oportunidades. Cabeça ociosa vai para lugares negativos.

Você gostaria de comentar algum fato que não tenha sido abordado nessa entrevista?

O fato para mim mais marcante foi quando aconteceu um ato violento, há uns oito anos, em outra escola de mesmo nome da nossa escola: Padre Balduino Rambo. Toda imprensa foi para cima, e casualmente em função do nome, a nossa escola ficou sendo visada como sendo uma escola violenta. Quando aconteceu isso no Balduino, nós já estávamos com a escola organizada, basicamente com essa estrutura. A mídia estava toda em cima. A escola Padre Balduino Rambo foi fechada por uma semana e quando abriu todos os repórteres vieram de manhã para ver o que iria acontecer na escola. Como nossa escola fica na avenida e a outra em uma rua à direita eles entraram na nossa escola por engano. Abordei um deles e disse que estavam na escola errada. Convidei para entrar para ver como é uma escola que funciona. Vocês gostam de mostrar apenas as coisas ruins, o que não dá certo: a violência. O repórter disse que isso aí não dá notícia. É mas eu acho que quem faz a notícia são vocês. Podem escolher o que querem publicar. Após ligar para alguns jornais, consegui que um deles viessem à escola para fazer uma reportagem que dizia: nome de escola causa confusão. Reportagem muito pequena que não teve muita repercussão. Os alunos ficavam chateados quando pegavam o ônibus porque as pessoas diziam que a escola que eles estudavam era o “Carandiru”. Nós ficamos com má-fama. Até hoje tem professores que quando dizem que vão trabalhar na escola Padre Rambo são incentivados a não comparecer. Depois da má-fama estar instalada é muito difícil de se modificar.

Apêndice 3

ENTREVISTA COM G.

Há quanto tempo você atua na Escola?

Dezesseis anos

Você percebe diferenças na ocorrência de atos de violência no início da sua atuação na escola em relação aos dias atuais? Fale sobre isso.

No começo havia mais violência, devido à existência do Ensino Fundamental juntamente com o Médio na escola. As séries finais do Fundamental são muito difíceis de trabalhar, mas era outro tipo de violência. Era uma violência de destruição do patrimônio da escola. Com o término do Fundamental na escola diminuíram os casos de violência.

É realizado algum registro na escola em relação aos atos de violência observados? Em caso de resposta afirmativa: Como acontece esse registro? Esses dados são analisados? Por quem? Qual o encaminhamento?

Sim, existe um livro de ocorrências. Primeiro procedimento: chamar os alunos envolvidos, faz-se o registro; e após, como segundo procedimento: chamam-se os pais ou responsáveis pelos alunos para conversar sobre o que aconteceu.

O tema “violência escolar” foi abordado com os diferentes segmentos da comunidade escolar (alunos, pais, professores, funcionário) em algum momento desde que você iniciou suas atividades nessa escola? Fale sobre isso.

Sempre é colocado o tema, inclusive nas reuniões quando se convocam os pais e fala-se sobre a escola. Geralmente essas reuniões são realizadas no início do semestre, pois o número de violência é maior quando os alunos novos entram na escola, então nós já fazemos essa reunião.

Que ações são realizadas no caso de ocorrência de violência na escola? Como essas ações foram definidas?

Quando eu comecei na direção já existia esse procedimento. Sempre se faz o registro. Inclusive em uma reunião que na secretaria de educação eles informaram que tudo deve ser registrado, pois quando ocorre algum fato a escola tem como demonstrar aos interessados que foi tomada uma atitude a respeito. Feito o registro os alunos e os pais assinam o documento. Chamam-se os pais porque os alunos são menores de dezoito anos e segundo a lei eles não são seus responsáveis. Além disso, é fundamental o responsável estar presente na escola. Eu sou criticada por chamar em excesso os pais dos alunos na escola, mas vejo que é muito importante. Em episódios de faltas excessivas dos alunos eu já chamo os pais, eles devem estar presentes. Quando os pais estão presentes muda de forma positiva o comportamento do aluno.

Que estratégias a escola realiza para manter a disciplina entre os alunos?

Primeiro nós temos o cuidado de observar os alunos pelas câmeras. Eles sabem da existência, mas não é para ter medo, é para observar os acontecimentos e a mínima situação de risco nós já chamamos para conversar. Nós utilizamos muito o SOE, então nós chamamos para conversar. Eles devem seguir as regras da escola, sendo que no primeiro dia de aula nós já colocamos as regras de funcionamento da escola, as coisas que são proibidas dentro da escola, como: fumar, entre outras; regras de convivência.

Quais as estratégias utilizadas em relação à preservação dos ambientes da escola?

Existe uma disciplina chamada TC (Temas Contemporâneos), que se trabalha o cuidado que se deve ter com o patrimônio da escola. Inicia com a escola e passa a abordar outros temas relacionados à comunidade, sociedade, à vida. Existem alguns trabalhos (projetos) que nós fazemos, juntamente com o TC, para deixar o ambiente agradável, limpo, não riscar, não sujar. O professor também tem que ter um cuidado com a sala ambiente e passar esses cuidados para os alunos. Isso acarreta na manutenção do bom ambiente físico escolar.

Você acha que existe alguma relação entre a proposta pedagógica da escola e a ocorrência de atos de violência? Fale sobre isso.

Tem sim, claro que tem, pois o projeto da escola tem como objetivo formar o cidadão. Na escola que eles devem ter consciência de cidadania, pois estando lá na rua tudo fica mais difícil. Eles devem ter noção que não devem jogar lixo no chão, ou destruir qualquer patrimônio.

Você gostaria de comentar algum fato que não tenha sido abordado nessa entrevista?

Alguns projetos que a escola faz ajudam bastante nessa questão da diminuição da violência escolar. Posso citar o projeto de música que se faz toda quinta-feira à tarde. Eles gostam muito e não querem finalizar os encontros. Nós trabalhamos com música, com apresentações em outras escolas. Eles formam um vínculo muito grande entre eles, uma amizade que duradoura, eles chegam a retornar à escola para tocar com o grupo.

Muitos dizem que não querem sair da escola porque tem o projeto de música. Muitos referem que o vínculo com os colegas é muito bom e todos gostam muito do trabalho realizado com a música. Há uma quebra do formalismo nas atividades de música, fazemos um círculo, todos se olham e se ouvem com clareza. Várias turmas já demonstraram mudança de comportamento após o contato com a música. Como exemplo, uma das turmas apresentava-se bem violenta, muitos professores reclamavam. Quando eu comecei o trabalho de canto com eles, havia muito deboche. Com o tempo a turma foi mudando. E no final era outra turma. Eles começaram a trabalhar, pois antes eles não trabalhavam. Antes da música eles demonstravam total desinteresse pela escola. Nesse semestre os alunos se mostram motivados e ansiosos para saber o que vão tocar nas aulas de música. Estão interessados, mudou completamente o comportamento dos alunos. Os professores não estão mais reclamando dessa turma. Acho que melhorou bastante o comportamento dessa turma. Notei uma diferença bem grande.

Apêndice 4

ENTREVISTA COM C.

Há quanto tempo você atua na Escola?

Há seis anos como professora e dois anos como vice-diretora.

Você percebe diferenças na ocorrência de atos de violência no início da sua atuação na escola em relação aos dias atuais? Fale sobre isso.

Sim, são coisas muito sutis. Eu e a Goretti trabalhamos juntas, na mesma direção. Nesse período de seis anos eu noto que nossa direção é melhor, nos pequenos gestos, mal-comportamento dos alunos, que nós não deixamos crescer. A escola não tem registros graves de violência, mas eu percebia que havia mais episódios violentos, e hoje com nossa direção, mais presente, não há. Nossa atuação, mais disciplinadora, mais presente, mais marcante, não tolera comportamento inadequado entre os alunos e alunos junto aos professores e direção. Quando eles vêm conversar comigo eu não tolero atitudes hostis. É abordado junto aos alunos um padrão de comportamento que deve ser seguido.

É realizado algum registro na escola em relação aos atos de violência observados? Em caso de resposta afirmativa: Como acontece esse registro? Esses dados são analisados? Por quem? Qual o encaminhamento?

É feito sempre um registro, em qualquer situação, comportamento em sala de aula, palavrão. Discussão em sala de aula, no pátio já vem aos meus ouvidos. Eu registro no meu caderno que houve uma conversa com o aluno e ele assina. Se for mais grave há um livro de ocorrências. Sempre é registrado. É muito importante. Temos que ter registrado possíveis reincidências. Os pais sempre são constatados. Outro dia um aluno disse um palavrão para a professora e eu o chamei, tive uma conversa com ele e sua postura se modificou para melhor. Os professores têm a liberdade de resolver os problemas em sala de aula, mas se não for possível eles podem trazer à direção. Os professores não devem deixar passar nada. Os alunos anseiam por limites. Nessa ocorrência do aluno que falou palavrão, eu fiz ele pedir desculpa para o professor na frente da turma, o que foi muito positivo, para o aluno e para a turma, serviu como um incentivo para o bom comportamento. Os pais são chamados para conversar sobre as atitudes dos alunos.

O tema “violência escolar” foi abordado com os diferentes segmentos da comunidade escolar (alunos, pais, professores, funcionário) em algum momento desde que você iniciou suas atividades nessa escola? Fale sobre isso.

Que eu lembre não. Esse ano nós convidamos os pais dos alunos novos para conversar sobre o funcionamento da escola e isso já é uma ação diferente. ajuda a reforçar o nosso trabalho. É importante que os pais conheçam a escola e participem.

Que ações são realizadas no caso de ocorrência de violência na escola? Como essas ações foram definidas?

As ações não definidas pelo regimento da escola. Tudo que acontece na escola deve estar no regimento. As regras de convivência escolar estão definidas no regimento. Contatamos os pais e estamos contando novamente com a patrulha escolar, se eu sentir necessidade eu peço ajuda. Esse ano eu já pedi duas vezes. Suspeitei de uma ação estranha no pátio e eu chamei a patrulha. Certa vez, senti que alguns alunos iriam brigar e eu chamei a brigada para acalmar. A brigada presente mostra que a direção não está sozinha. A presença da brigada assusta um pouco os alunos, mas é bem recebida. Os alunos estão cientes que se ocorrer algo a direção vai chamar a brigada militar.

Que estratégias a escola realiza para manter a disciplina entre os alunos?

As regras de convivência são uma ação da escola, e o mais importante é mostrar aos alunos que as atitudes deles terão consequências. Tu podes estabelecer regras, mas se a direção não cumpre as regras e sanções não adianta ter regras. Temos uma norma que faz menção ao respeito, mas se não corrigirmos o mau comportamento, o desrespeito, não adianta ter essa regra. Buscamos o bom comportamento, não pode ser hostil, não pode pichar, os novos que chegam se inserem nessas normas. Episódios são rapidamente repreendidos. Temos uma ação em domínio: inicia com uma conversa com os alunos, depois chamamos os pais, mudamos de turma, etc. É importante uma ação imediata, mostrar que tem uma autoridade. Eu estou sempre circulando nos corredores, sempre olhando nas salas, mostra que eles não estão soltos, que tem alguém olhando, não para punir, mas para observar o cumprimento das regras.

Quais as estratégias utilizadas em relação à preservação dos ambientes da escola?

As regras de convivência. O diretor não gosta que coloque os pés nas paredes, riscar. No início do ano nós entramos nas salas dos alunos novos para avisar as normas. Os professores sempre reforçam. Nós explicamos que não podem ficar nos corredores, fazendo barulho.

Você acha que existe alguma relação entre a proposta pedagógica da escola e a ocorrência de atos de violên-

cia? Fale sobre isso.

Não sei te responder. Nós estamos reformulando o PPP da escola. Acho que sim, nossa escola é tranqüila. A cada ano os alunos vêm mais difíceis. Todos os professores conversam sobre o que fazer além do conteúdo para diminuir a agressividade, novas ações. Nossa proposta não era muito ligada a isso, mas está começando a pensar sobre.

Você gostaria de comentar algum fato que não tenha sido abordado nessa entrevista?

Quase noventa por cento dos casos que eu tive que resolver tiveram sucesso, porque nós trazemos os alunos para conversar, chamamos os pais, mas muitos não vêm. Ficamos somente nós e os alunos tentando resolver as dificuldades. Nós conseguimos mesmo sem os pais. No último chamado só veio um pai, e na última também só veio um. Eles estão muitos ausentes, não buscam o boletim. Isso tem um reflexo negativo. Os que estão presente nós notamos a diferença no comportamento dos filhos. Mesmo sem a ajuda dos pais nós temos um resultado positivo. Muito pouco são os alunos que não conseguimos melhorar o comportamento, as notas, se comprometa mais. Os alunos amadurecem no decorrer do tempo, mas com nossa ajuda, se nós guiarmos eles amadurecem melhor. Dois alunos que estão nesse processo de conversa comigo, mesmo sem o auxílio dos pais, eu percebo que eles estão bem melhores; eles percebem que estão sendo cobrados, que estão sendo observados; eles acabam respondendo. Não estamos punindo, mas construindo um caráter, para melhorar. No sentido de um diálogo aberto. Eles se sentem acolhidos, eles me respeitam, não tem medo. Se sentem atendidos, contam a vida, conversam. Eles pedem ajuda, quando as pessoas resolvem ajudar os jovens, dá certo. Poucos casos nós não conseguimos resolver, que o aluno foi embora, que não deu para fazer nada, mas a grande maioria dos casos a escola consegue resolver.

Apêndice 5

ENTREVISTA COM W.

Há quanto tempo você atua na Escola?

Por volta de oito anos.

Você percebe diferenças na ocorrência de atos de violência no início da sua atuação na escola em relação aos dias atuais? Fale sobre isso.

Tem uma diferença, pois quando eu cheguei na escola não tinha professor de Efi. Os alunos estavam há algum tempo sem professor. O pátio era um território livre para os alunos. Quando eu cheguei, ocorreram alguns embates entre os alunos e eu, pois sendo o pátio o meu espaço de aula, comecei a colocar algumas regras. Nesse momento eu senti um pouco de violência, não física, mas uma tensão, uma pressão dos alunos indicando que o pátio era deles, que eu não era dona do pátio. Até os alunos entenderem que o pátio era meu espaço de aula e que eles tinham que ter um comportamento adequado, foi difícil. Eles tinham que respeitar a aula de Efi que estivesse acontecendo no pátio, quando eles não tinham aula no prédio. Desse período para o atual houve grande evolução. Hoje está claro que eles devem respeitar meu espaço de aula: o pátio.

É realizado algum registro na escola em relação aos atos de violência observados? Em caso de resposta afirmativa: Como acontece esse registro? Esses dados são analisados? Por quem? Qual o encaminhamento?

Se acontecer algo violento, ou que eu entenda como violento, eu vou à vice-direção e faço um registro. Mas antes eu sinalizo ao aluno que não está correto o que está acontecendo. E se percebo que pode evoluir para uma violência eu vou à vice-direção, à orientadora educacional e chamo o aluno para conversar. Sinalizo ao aluno como são as normas, como deve se comportar na aula de Efi. Primeiro eu converso com o aluno para saber o que está acontecendo, saber seu histórico, que referências ele possui, de onde ele vem, para poder situar o aluno, demonstrando a ele onde está inserido e se quer mesmo fazer parte. A intenção não é punir o aluno. Primeiro há uma conversa, um primeiro passo, após a outra conversa onde se salienta a conversa anterior, que havia um combinado que não foi respeitado e agora o segundo passo é fazer um registro do ocorrido. O que é feito com o registro, como é encaminhado fica para a equipe diretiva. O que existe hoje é uma boa comunicação entre a vice-direção manhã e tarde, pedagógico e a orientação e eu. Caso ocorra um fato que pode tomar uma proporção maior nós já conversamos e a vice-direção já chama os pais, quando eles vêm, é claro. A vice-direção da manhã chega a enviar uma carta quando os pais não atendem ao chamado via telefone. Tem um encaminhamento que depende da vice-direção.

O tema “violência escolar” foi abordado com os diferentes segmentos da comunidade escolar (alunos, pais, professores, funcionário) em algum momento desde que você iniciou suas atividades nessa escola? Fale sobre isso.

Não, existe um “pano-de-fundo” na escola: - Vamos fazer dessa escola uma escola referência, em limpeza, manutenção, em espaço físico. Isso é um subtexto de cada professor. Não existe uma análise da violência, mas ações pedagógicas que o efeito é a diminuição dela, através de atividades culturais-esportivas. Campeonatos de futsal geram muita violência e são muito monitorados, são atividades bem pensadas se vão ou não acontecer. Esses trabalhos pedagógicos possibilitam ao aluno focarem novamente na escola a sua atenção.

Que ações são realizadas no caso de ocorrência de violência na escola? Como essas ações foram definidas?

Na minha instância de professora de Efi, eu faço o registro junto à vice-direção, pedagógico e serviço de orientação, após ter conversado com o aluno. Durante os conselhos de classe nos conversamos sobre o que acontece com cada aluno. Dentro da minha disciplina, minhas decisões são tomadas baseadas na minha experiência nessa escola de oito anos e de trinta e cinco anos trabalhando com jovens e adolescentes. Tem coisas que tu percebe antes mesmo de elas acontecerem. É importante nessa faixa etária que todas as normas sejam bem claras e que se os limites estão sendo impostos é importante que eles realmente sejam levados em consideração. Não pode ser algo para uns e não para outros. Essas ações da escola (registros, sanções) não são pensadas coletivamente, estamos longe disso. Estamos começando a pensar uma escola em conjunto, elaborando projetos que acabam por motivar os professores para que as coisas aconteçam de uma forma diferente a que está sendo apresentada atualmente pela educação. O pedagógico está fazendo um trabalho de união dos professores.

Que estratégias a escola realiza para manter a disciplina entre os alunos?

Na minha disciplina eu digo que todos devem ter respeito pelo professor, pelo colega, por todos. A primeira relação, a relação fundamental deve ser o respeito. Devemos agir com os outros como gostaríamos que agissem conosco. Entre todos os sujeitos da escola: direção, professores, funcionários, alunos e pais.

Quais as estratégias utilizadas em relação à preservação dos ambientes da escola?

É um trabalho de conscientização. Está bonito, então vamos preservar. Tudo limpo, organizado, que bom estar em um local íntegro. Nós somos os responsáveis por manter tudo assim. Valorizar o que se tem, trazer tudo para um olhar positivo.

Você acha que existe alguma relação entre a proposta pedagógica da escola e a ocorrência de atos de violência? Fale sobre isso.

A proposta pedagógica é a espinha dorsal da escola. Hoje ela é muito importante em nossa escola, ela é muito importante, tem reflexo na busca de harmonia na escola, da não-violência. Quanto mais os professores se unirem e menos eles se sentirem sozinhos mais fácil se torna o trabalho. Se a equipe diretiva está presente e unida ao professor ele pode fazer melhor sua parte para diminuir a violência.

Você gostaria de comentar algum fato que não tenha sido abordado nessa entrevista?

É importante termos a possibilidade de falar do melhor que nós fazemos e do quanto nós precisamos uns dos outros para que o melhor aconteça. Nós estamos em uma sociedade que apresenta grandes equívocos. Sou de uma geração com muita liberdade que refletiu em pais permissivos e ausentes. Desmanche da família que gera muitos conflitos nos estudantes atuais. O fundamental é podermos repensar os valores perdidos e definir bem os valores que estabelecem as raízes de um bom caráter e de um bom aprendizado. Nós podemos trabalhar com mais atenção os conteúdos que estabeleçam normas e valores aos alunos, utilizando-nos dos instrumentos como bolas, colchonetes e jogos.

ANEXOS

Anexo 1

Termo de Consentimento Institucional

Natureza da pesquisa: a Instituição de Ensino a qual você é responsável está sendo convidada a participar da pesquisa “Violência na Escola: estratégias da Escola Padre Rambo”, vinculada à Escola de Educação Física da UFRGS, que tem por finalidade descrever as estratégias utilizadas por esse estabelecimento de ensino para reduzir a ocorrência de casos de violência escolar.

Participantes da pesquisa: A principal responsável pela pesquisa é a professora *Lisiane Torres e Cardoso*, que pode ser encontrada em horário comercial no seguinte endereço: Rua Felizardo, 750; bairro Jardim Botânico; Porto Alegre – RS. CEP: 90690-200, ou pelo telefone: (51) 3308.5875. O estudante de graduação Henrique Ribeiro Menezes, que também poderá ser encontrada no endereço e telefone acima, realizará as entrevistas, observações e análise de documentos (Projeto Político Pedagógico e Regimento da Escola). Caso queira, você pode esclarecer qualquer dúvida diretamente com o Comitê de Ética e Pesquisa da UFRGS pelo telefone 3308.5875.

Sobre a coleta de informações: As informações para a realização desse estudo serão coletadas a partir de três diferentes fontes: entrevistas, análise de documentos e observações do recreio. Serão realizadas entrevistas com o diretor da escola, com as vice-diretoras dos turnos da manhã e da tarde e com a professora de educação física. As entrevistas serão gravadas e, após sua transcrição, o arquivo será apagado. A transcrição das mesmas será avaliada pelos entrevistados, e após a aprovação dos mesmos, o texto será analisado. Os documentos da escola a serem analisados serão o Projeto Político Pedagógico e o Regimento. Serão realizadas quatro observações do período do recreio (duas no turno da manhã e duas no turno da tarde).

Riscos e Desconfortos: O desenvolvimento desse estudo nessa Instituição de Ensino não acarretará complicações legais, nem riscos à sua imagem. O inconveniente maior será a presença do pesquisador no ambiente da escola para a realização das observações. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos critérios da Ética em Pesquisa com seres humanos, conforme a resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

Confidencialidade: As informações coletadas serão utilizadas pelo estudante da Escola de Educação Física da UFRGS para a elaboração/publicação do Trabalho de Conclusão de Curso, artigos científicos, capítulos de livros. O material resultante do trabalho ficará depositado na Escola de Educação Física da UFRGS. Todas as informações coletadas nesta pes-

quisa são estritamente confidenciais. Em todas as etapas da pesquisa será preservada a identidade dos sujeitos observados.

Benefícios: Na realização desta pesquisa a Instituição de Ensino não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que esta pesquisa traga informações relevantes e, de algum modo, subsídios para elaboração de estratégias visando a redução da violência no contexto escolar.

Despesas: para a realização dessa pesquisa nada será pago, bem como não será acarretada despesa alguma para a Instituição.

Após estes esclarecimentos, venho solicitar o seu consentimento para que este estudo seja realizado na Instituição de Ensino sob sua responsabilidade. Por favor, preencha, os itens que seguem abaixo:

Eu, _____ acredito ter sido suficientemente informado a respeito do que li ou do que foi lido para mim, descrevendo o estudo “Violência na Escola: estratégias da Escola Padre Rambo”. Concordo que este trabalho seja realizado nessa Instituição de Ensino, sabendo que poderei retirar esse consentimento a qualquer momento, antes ou durante a realização do mesmo.

_____ / ____ / ____

Assinatura da Direção

Local

Data

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste sujeito ou de seu representante legal para a participação neste estudo.

Assinatura do responsável pela pesquisa

Local

____/____/____

Data

Anexo 2

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Natureza da pesquisa: você está sendo convidado a participar da pesquisa “Violência na Escola: estratégias da Escola Padre Rambo” vinculada à Escola de Educação Física da UFRGS, que tem por finalidade descrever as estratégias utilizadas por esse estabelecimento de ensino para reduzir a ocorrência de casos de violência escolar.

Participantes da pesquisa: A principal responsável pela pesquisa é a professora Lisiane Torres e Cardoso, que pode ser encontrada em horário comercial no seguinte endereço: Rua Felizardo, 750; bairro Jardim Botânico; Porto Alegre – RS. CEP: 90690-200, ou pelo telefone: (51) 3308.5875. O estudante de graduação Henrique Ribeiro Menezes, que também poderá ser encontrada no endereço e telefone acima, realizará as entrevistas, observações e análise de documentos (Projeto Político Pedagógico e Regimento da Escola). Caso queira, você pode esclarecer qualquer dúvida diretamente com o Comitê de Ética e Pesquisa da UFRGS pelo telefone 3308.5875.

Sobre a coleta das informações: As informações para a realização desse estudo serão coletadas a partir de três diferentes fontes: entrevistas, análise de documentos e observações do recreio. Serão realizadas entrevistas com o diretor da escola, com as vice-diretoras dos turnos da manhã e da tarde e com a professora de educação física. As entrevistas serão gravadas e, após sua transcrição, o arquivo será apagado. A transcrição das mesmas será avaliada pelos entrevistados, e após a aprovação dos mesmos, o texto será analisado. Os documentos da escola a serem analisados serão o Projeto Político Pedagógico e o Regimento. Serão realizadas quatro observações do período do recreio (duas no turno da manhã e duas no turno da tarde).

Riscos e Desconfortos: Sua participação nesta pesquisa não traz complicações legais, nem riscos a sua saúde ou a sua dignidade. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos critérios da Ética em Pesquisa com seres humanos, conforme a resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

Confidencialidade: Os dados obtidos serão utilizados pelo estudante da Escola de Educação Física da UFRGS para a elaboração/publicação do Trabalho de Conclusão de Curso, artigos científicos, capítulos de livros. O material resultante do trabalho ficará depositado na Escola de Educação Física da UFRGS. Todas as informações coletadas nesta pesquisa são estritamente confidenciais. Em todas as etapas da pesquisa será preservada sua identidade.

Benefícios: Ao participar desta pesquisa você não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que esta pesquisa traga informações relevantes e, de algum modo, subsídios para elaboração de estratégias visando a redução da violência no contexto escolar.

Despesas: Você não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Após estes esclarecimentos, venho solicitar o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que seguem abaixo:

Eu, _____ acredito ter sido suficientemente informado a respeito do que li ou do que foi lido para mim, descrevendo o estudo “O Violência na Escola: estratégias da Escola Padre Rambo”. Concordo voluntariamente em participar deste estudo, sabendo que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante a realização do mesmo.

_____/_____/_____
Assinatura do sujeito Local Data

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste sujeito ou de seu representante legal para a participação neste estudo.

_____/_____/_____
Assinatura do responsável pela pesquisa Local Data

Anexo 3

Projeto Político Pedagógico do Colégio Padre Rambo

Governo do Estado do Rio Grande do Sul
Secretaria da Educação
Colégio Estadual Padre Rambo

Projeto Político–Pedagógico

Julho/2001

1. Dados Gerais:

Secretaria da Educação
Colégio Estadual Padre Rambo
Avenida Bento Gonçalves, 1731.
Partenon - 90650-002
Telefone: 3336 30 66
Porto Alegre

Modalidades:

Ensino Fundamental: Tarde: 302 alunos
Ensino Médio: Manhã: 322 alunos
Noite: 405 alunos

Recursos Humanos:

Professores: 53
Especialistas: 02
Funcionários: 09

Projetos:

Psicomotricidade nas Séries Iniciais.
Musicalização no Ensino Básico
Informática
Capoeirando na Escola

2. A Organização do Trabalho na Escola:

O projeto aqui referido é resultado do empenho de pessoas que dedicaram, acima de tudo, sua vontade para buscar uma nova organização do trabalho com base em atitudes de solidariedade, de reciprocidade e de participação coletiva. Buscamos o caminho da construção do diálogo para assim somar contribuições à realização dessa proposta.

Em primeiro lugar foi preciso entender do que se tratava, para isso realizamos um seminário, “A escola que Queremos” com a participação da comunidade escolar (alunos, pais, professores, e funcionários) com os temas: O que é o Projeto Político-Pedagógico e A Conjuntura Educacional.

Após essa etapa que se realizou em dezembro de 2000, retomamos o trabalho com a comunidade em março de 2001 a partir daí realizamos reuniões semanais com a comissão de sistematização, professores e com a comunidade; e também aos sábados assembleias com todos os segmentos. Esses encontros serviram para construir um diagnóstico da realidade dessa comunidade e retirar propostas para encaminhar em forma de objetivos e metas para este projeto, as quais serão expostas a seguir.

Passamos a viver uma nova realidade, a de estudar, debater, tensionar, motivar e construir uma organização do trabalho. Muitos foram os obstáculos e ainda os são, porém os maiores foram e são a pouca participação comunitária e o tempo reduzido para a sistematização deste processo.

Ao refletirmos sobre isso verificamos que são múltiplas as razões que constituem obstáculos e que uma das maneiras de amenizá-los foi através da valorização dos que participaram e buscaram encontrar tempo para refletir sobre este processo.

Porém, uma coisa é certa, estamos num caminho que antes parecia não haver, e isso constitui uma realidade e uma proposta que é de dar continuidade a uma nova forma de organização do trabalho e assim ressignificar o próprio trabalho que realizamos.

3. Diagnóstico:

Introdução

A realidade da nossa escola não é muito diferente das outras escolas do estado e até do Brasil, na medida que estamos enfrentando o desafio da valorização da educação. É sabido que os investimentos nessa área por parte do governo ficam muito aquém das reais necessidades que enfrentamos, e ainda por cima temos que conviver com os diferentes problemas políticos econômicos e sociais que afetam o dia-a-dia da população.

A trajetória brasileira da educação é um caminho que acompanha a sua história política. As variáveis políticas, econômicas e sociais ao longo da história foram determinadas, não raro, pelas disputas do poder da classe dominante, a afirmação de um estado brasileiro marcado por diferenças no campo político; a ascensão da burguesia com o desenvolvimento da sociedade moderna industrializada e a construção da democracia foram determinantes nas alterações do ensino no país. Na sociedade moderna o homem passou a viver nas cidades e precisou criar as condições necessárias para tanto. Assim a educação passou a ter um caráter generalizante, que desse conta da necessidade de instrução. Surge a educação escolar profissionalizante e a escola para as elites, mas com ela uma dualidade entre o fazer e o pensar que marcou particularmente, a organização curricular do ensino secundário brasileiro.

Essa dualidade, ainda hoje, reflete a desigualdade da estrutura social, que coloca a educação nos mesmos moldes da educação aristocrática em que a formação cultural é um privilégio de poucos.

Mas, alguns caminhos já ficaram mais claros nessa última década, e um deles é de que a educação não pode estar a serviço do mercado; esse modelo privatizante está agravando ainda mais a crise educacional, pois só tem gerado o aumento de desigualdades sociais. A

educação deve sim, estar voltada para a formação integral do ser humano entendido dentro dos princípios da igualdade de condições e da cidadania.

A Escola Pública de ensino médio deve romper com a tradicional ausência de identidade: nem propedêutico ao ensino superior (voltado para os alunos das camadas socioeconômicas privilegiadas) nem tampouco profissionalizante (destinado aos filhos de trabalhadores).

“A formação do aluno de Ensino Médio, antes de tudo um trabalhador que cria riquezas sociais, visará assegurar que a posse de conhecimentos o habilite a beneficiar-se, em igualdade de condições, do resultado dessas riquezas produzidas. Consciente da importância do trabalho, o cidadão poderá lutar contra a desigualdade e discriminação sociais. Para isso, será necessário que a escola possibilite a construção de conhecimentos básicos para a compreensão da relação entre a ciência e o processo produtivo. Esses conhecimentos devem assegurar um patamar mais elevado e básico de conhecimentos a todos os alunos, como condição para o exercício da cidadania.”

a. Quem somos

A nossa escola oferece atendimento nos três turnos, sendo o Ensino Médio nos turnos manhã e noite e o Ensino Fundamental à tarde.

O que a diferencia das outras escolas do bairro Partenon, em Porto Alegre, é seu regime de Ensino Médio ser semestral e a matrícula por disciplina recebendo os alunos de diferentes bairros.

A localização da escola contribui para o acesso dos alunos, porém, por outro lado, não se pode dizer que a Escola conta com uma comunidade efetiva e participante, tendo em vista a distância das comunidades as quais os alunos fazem parte.

Esse aspecto tem influência direta no Ensino Fundamental que vem enfrentando muitos problemas. Esta modalidade de ensino requer uma atuação mais significativa por parte dos pais na escola, o que não ocorre, visto que raramente comparecem quando chamados às reuniões. A demanda vem diminuindo cada ano, chegando a zero em algumas séries; têm-se alguma procura na 8ª série no intuito de garantir vaga no Ensino Médio. A distância, ou deslocamento diário, de casa para a escola, por meio de transporte, incide na frequência do aluno, que em determinado período se ressentiu de dificuldades econômicas que inviabilizam a permanência e conclusão de seus estudos. Além disso, verifica-se um grande número de escolas de Ensino Fundamental no bairro.

O nosso aluno em sua maioria está buscando ingressar no mercado de trabalho para completar a renda familiar e muitos deles são estagiários, e necessitam de um horário escolar mais flexível. A oferta de um horário mais flexível é possível com o aumento da oferta de Ensino Médio em mais um turno.

A escola, pelas características e modalidade de ensino que oferece, facilita o acesso de uma demanda diversificada, com isso, recebe alunos oriundos de várias comunidades o que não garante efetiva participação pela diversidade e distância das comunidades de origem.

As disciplinas oferecidas no nosso currículo necessitam de revisão e de reestruturação adequada à formação do educando participante e construtor de sua própria história. Para oportunizar ao educando formas de ação transformadora da natureza e construção da vida social deveremos investir na possibilidade de incluir disciplinas com a Sociologia, Filosofia e outras que possam redimensionar melhor essa questão. Essa é uma tarefa que devemos construir coletivamente, e que tende, com certeza, a contribuir para compreensão, de que não devemos tratar o conhecimento numa perspectiva enciclopédica, mas de selecionar, dos vários ramos de conhecimentos, aqueles conteúdos que possibilitem a construção dos conhecimentos historicamente elaborados e que foram apropriados nas relações sociais para a manutenção de privilégios, por parte das classes dominantes.

b. O que queremos

Em primeiro lugar, a escola pública que queremos é a escola democrática. Organizada de forma acessível a todos, garantindo que todos se apossam dos conhecimentos científicos, sociais, naturais e estéticos que foram e estão sendo construídos pelos seres humanos ao longo da história.

Uma escola que possibilite a compreensão de que é possível contribuir para a superação das desigualdades, explicitando a correspondência entre saber e poder. Construir uma prática pedagógica que oportunize a construção dos conhecimentos historicamente acumulados que se tornaram privilégio das elites. Partir do conhecimento que os alunos já possuem (adquiridos através das experiências sociais), usar métodos que desenvolvam a capacidade de pensar e de sentir, relacionando com o fazer. Fazer revisão de currículo, modificação das práticas metodológicas e de avaliação. Adequar equipamentos, materiais e espaço físico. Colocar a disposição da comunidade meios modernos e atualizados de aprendizagem e de administração, de forma a permitir a inserção da escola na sociedade que a cerca.

Maior valorização profissional com melhores salários e um regime de trabalho que possibilite a execução de um projeto coletivo.

c. Principais problemas

Os problemas que estamos enfrentando de evasão e repetência é principalmente pela ausência de definição de um perfil de escola. Isso tem gerado um acúmulo de trabalho muito grande que interfere diretamente no processo pedagógico. Por isso, precisamos, o quanto antes, definir o que podemos e devemos assumir na nossa escola, principalmente em relação à modalidade de ensino (Ensino Fundamental e Ensino Médio). Optar por um único tipo de modalidade parece o mais sensato, dada a estrutura física e os recursos humanos que dispomos e principalmente a demanda que vem se apresentando nos últimos anos com a crescente diminuição de matrículas no Ensino Fundamental. A qualidade de nosso trabalho depende fundamentalmente da clareza sobre o perfil que devemos assumir.

As matrículas de Ensino Fundamental são basicamente em séries finais, pois os alunos visam garantir a vaga no Ensino Médio. Nas séries iniciais quase não há matrículas novas chegando a haver uma turma com apenas 9 alunos na 3ª série; a evasão na escola em qualquer modalidade se verifica basicamente pelas condições econômicas desde o custeio do transporte a necessidade de trabalhar em tarefas domésticas: cuidar de parentes, ajudar em trabalhos autônomos e também problemas disciplinares que dependem de maior integração entre escola e família.

Queremos melhorar o atendimento do Ensino Médio oferecendo um currículo mais contextualizado e atender melhor a área correspondente ao ensino de matemática e de física que ainda reprova em maior número.

Queremos promover um estímulo maior tanto para os alunos quanto para os professores que não têm conseguido atender as necessidades de suas tarefas. Queremos uma escola que discuta em tempo integral o seu papel e que busque soluções para seus problemas, propondo metas e avaliando seus resultados em conjunto, mas não temos conseguido dispor de tempo para estruturar os fóruns de debates. Carecemos de projetos, principalmente, que incluam a participação dos pais, outros que promovam a autonomia tão necessária para a particularidade de nossas propostas. Precisamos manter o Conselho Escolar ativo, participativo e representativo para que se firme cada vez mais o caráter democrático da escola. E, por último, romper com as relações autoritárias e construir o caráter político da escola propondo a valorização profissional tanto pelos salários quanto pelo investimento na formação e qualificação profissional.

4. Planejamento

Extinguir de forma gradativa o Ensino Fundamental (justificativa em anexo) dada realidade que se apresenta: pouca procura, e da necessidade de qualificarmos o Ensino Médio que possui uma demanda bem maior.

Resgatar o trabalho pedagógico como prioritário reservando, no calendário escolar tempo para as reuniões.

Formular projetos que proporcionem uma nova organização curricular e que permita um maior envolvimento com a comunidade, principalmente com pais e alunos.

Rever as normas de convivência privilegiando o trabalho de prevenção e de orientação ao aluno em detrimento de medidas puramente punitivas.

Reafirmar através do Conselho Escolar o caráter democrático da escola motivando a participação de todos.

Reformular as relações de trabalho para que sejam participativas e que respeitem as especificidades de suas tarefas, que superem a atual divisão do trabalho.

Constituir equipes de trabalho com professores, orientadores, funcionários, diretores, de alunos, pais, comunidade próxima e sociedade mais ampla.

Buscar o compromisso de todos através da participação, da valorização dos aspectos positivos do trabalho e resgatar a auto-estima.

Resgatar o papel da representação estudantil, através do envolvimento do grêmio de alunos nas questões aqui levantadas, ou outras que envolvam a autonomia desse grupo.

Buscar parcerias com instituições ou organizações da comunidade para realizar trabalhos/projetos que possibilitem maior acesso a bens culturais.